



Dom de Oliveira

Luz do Baço



*A Manuel Antônio Álvares de Azevedo, o Maneco.*



Dom de Oliveira

# LUZ DO BAÇO





### **Conteúdo licenciado pelo Creative Commons.**

Você tem a liberdade de compartilhar, copiar, distribuir e transmitir a obra. Sob as seguintes condições:

- **Atribuição** — Você deve creditar a obra da forma especificada pelo autor (mas não de maneira que sugira que este concede qualquer aval a você ou ao seu uso da obra).
- **Uso não-comercial** — Você não pode usar esta obra para fins comerciais.
- **Vedada a criação de obras derivadas** — Você não pode alterar, transformar ou criar em cima desta obra.

Ficando claro que qualquer das condições acima pode ser renunciada se você obtiver permissão do titular dos direitos autorais.

---

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Oliveira, Dom de  
Luz do Baço / Dom de Oliveira. -- São José dos  
Campos, SP : Ed. do Autor, 2006.

1. Poesia brasileira I. Título.

06-0921

CDD-869.91

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

---

### **Projeto Gráfico, Capa e Editoração Eletrônica**

Dom de Oliveira: [issuu.com/domdeoliveira](http://issuu.com/domdeoliveira)

### **Revisão**

Luiz Felipe Pereira de Carvalho  
Marcos de Oliveira

Dom de Oliveira

# LUZ DO BAÇO

1ª edição

São José dos Campos - SP  
Paulo Rogério Oliveira Silva  
2012



# ÍNDICE

PRÓLOGO 11

## **PRIMEIRO LADO**

A ARMA 15

A FALTA 16

A MAMADEIRA 17

À SÂNDALO 18

À T... À T... 19

ÀS CORES DESTA EFÍGIE 20

AVISO AO MEU DIÁRIO 21

CASTO BEIJO É O QUE ARRANCASTE 22

CONCEITOS ÍNTIMOS 23

CORAR 25

CULTURA DA IMPERFEIÇÃO, MEDO E

INSEGURANÇA HUMANA 26

CULTURA E ALMA 27

DECIFRA 28

DEMOCRACIA 29

CULTURA REAL 30

EU... 32

IGNOTA MULHER DO SABIDO DESEJO 33

LEGUMINOSAS 34

LIBIDO À FRANCESA 35

MEUS OLHOS, MEU ESPELHO 36

NO FIM 37

NOSTALGIA (Menina-mulher) 38

NUNCA HOUVE 39

TRISTE VERDADE FÍSICA 40

O EPITÁFIO 41

QUANDO SE TEM A CASA NAS COSTAS 42

QUEM INVENTOU ESTE TAL FEITO DEVERIA SER

COROADO REI DA VIDA 43

SALVE PIRATININGA 44

SE 46

TEXTO RAIA 48

VONTADES 49

## **SEGUNDO LADO**

- À LINGUAGEM DO TEU CORPO E LINDA  
APARÊNCIA REQUINTADA 52
- A SAGA EPOPÉICA DO MENINO CONTINUOU 53
- À SENHOURA MATARAZZO SILVA DE ANDRADE  
PINTO SOBRAL 55
- À TUA COR DE VÊNUS... (QUE ACARICIA) 56
- À TUA SOMA DE TODAS AS CORES 57
- ALGUÉM E INTERESSA AO QUE ESCREVO AO  
ÁLIBI DO BIDÚ 58
- ALGUM PRIMEIRO ENCONTRO 59
- AMANHECEU 60
- ÀS MENTIRAS QUE ELES CONTAM 61
- BICHINHO NO SANGUE 62
- CASUALIDADE ETERNA 63
- CEM ANOS 64
- CHURRASCO DE FEVEREIRO 65
- CONTEMPLAÇÃO... A TI 66
- DEPOIS DA TARDE VEM A VENTURA 67
- DIÁRIO 69
- HISTÓRIA INTERESSANTE 70
- HOJE EU FUI CHAMADO DE HIPÓCRITA... ONTEM  
EU FUI CHAMADO DE SARCÁSTICO 71
- IMUNE AUTÓCTONE 72
- INEXPLICÁVEL 73
- INSTANTES 74
- ÍNTIMOS DE INTENÇÕES... RIQUEZAS RARAS 75
- LÁPIS DE TODAS AS CORES 76
- MEMÓRIAS: EU EM TI 77
- MEU ROSTO 79
- CONFISSÃO AO RUIVO DESEJO 80
- MINHA MÃO E AS RASPAS DE CENOURA 81
- NA MESMA ESTRADA DE MONTEIRO  
LOBATO – SP 82
- NAS VIDAS INFINDAS DE UM BOSQUE DE  
EUCALIPTOS NASCE UMA VIDA 84
- OLÁ, MARCELA 85

PARTES E O FIM DE UM DIA QUALQUER	86
PELES	88
POÉTICA RARA EM PROFUNDA POÉTICA DE TI	89
PRANTINHO	90
PROCURA-SE UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO	91
CULTURA (LADO B)	92
REFLEXO	93
RETICÊNCIAS	94
SAUDADES DISSO QUE SENTES AI	95
SAUDADES, DESEJOS E FEBRES TERÇÃS	96
SE AS COISAS PODEM ACONTECER	97
SÓ SEI POR LIVROS QUE MULHERES IRRADIAM LUZ	98
SOBRE A SOLIDÃO	99
SOFREGUIDÃO	100
SOLSTÍCIO DE TI	101
T... T... T...	102
TARDE DA NOITE. FLORESTA VIRGEM. UM PÉ DE IPÊ. CAI UMA SEMENTE	103
TELEPATIA	104
QUE LEGAL! CURIOSO	105
SEU CHEIRO, EM SENTINDO À PRIMEIRA VEZ	106
TOLERÂNCIA	107
UM SORRISO EM SUA DIREÇÃO...	
RETRIBUIDO	108
UMA TAL AUTOCRÍTICA	109
VERDADES E SONHOS	110
VERDE PERTO! VERDE LONGE! VERDE NÁUSEA!	111
VOLTAI! VOLTAI! VOLTAI!	112
<b>O VALE DOS URSOS</b>	
I – A URSA	115
II – ELE SURGE	116
III – SÂNDALO DO CHEIRO	117
EPÍLOGO	121



## PRÓLOGO

Nasce na artéria coronária um sânscrito torto. Surge no cérebro roto um átomo literato. Mais uma alma e frases num espaço abarrotado. Mais letras. Mais orações. Mais uma boca taciturna pedindo afago. Novamente um ultrage às normas. Piedade pessoas, acadêmicos! Pede-se perdão pelo atrevimento que começa, e entendimento ao coração que se prostrou desabafando. Tragam suas facas, foices e canivetes. Suas línguas, suas pedras... Seus pêlos, suas carnes. Tragam! O safanão! A espada! E o entendimento. Perdoa.

...

À sangria! Cedendo pouco às pressões das letras...  
Mas sucumbindo à dor.



# PRIMEIRO LADO



## A ARMA

Prepara-te para a guerra!  
Sem sangue, sem tiros, sem mortes.  
Prepara-te para a guerra!  
Sem dores, sem mágoas, sem cortes.  
Prepara-te!

A guerra...  
Do fazer do artista  
Em levar melodias.  
Em compor cantorias,  
Em encantar multidões...

## A FALTA

E em dias como esse...  
Falta vontade.  
Falta ânimo.  
Até de ver o sorriso  
Contido num sorriso...  
Falta alegria...  
O sol, a lua, as estrelas...  
E aqueles detalhes de uma vida.  
Sim, falta calor...  
A pele, sabor...

Mas...  
Nem tudo é assim.  
Ausência...  
Nem tudo.

Verdade.  
Por que  
Não  
Falta  
O vazio...  
A saudade e a solidão.  
Isso, sim...  
Novatos detalhes de uma vida.  
Isso não falta...

## A MAMADEIRA

Eu ainda tomo mamadeira.  
Eu tomo desde as primícias falas.  
Eu gosto de tomar mamadeira.  
Ela é gostosa.  
Ela cabe certinho na boca.  
Ela é macia.

A mamadeira ainda se encaixa direitinho em mim.  
A mamadeira fica entre minha língua e meu céu da boca.  
A mamadeira me dá orgasmos, parece uma língua feminil.

Ela me lembra o bico inocente da mamãe;  
Ela me lembra o seio quente da minha rosa;  
Ela me lembra um clitóris, uma vulva enamorada;  
Ela me lembra um umbigo;  
Ela me lembra um biquinho, desses de selinho;  
Ela me lembra o nariz do meu amor.  
Bonitinho.

A mamadeira é interessante.  
Faz-me sonhar.  
Eu ainda gosto dela.  
Ela é gostosa.  
Ela é macia.

Eu tomo mamadeira.  
E como é bom!...  
Ela me desfaz das rimas e métricas.

## A SÂNDALO

Comer sabão agora é moda entre os sujos.  
Dizem, agora, que o sabão no estômago  
Limpa as tripas sujas dos pecadores. Verdade...  
Quem sabe ele não lave o cérebro podre  
Dos pensamentos podres também.

E ao saberem que o sabão faria isso  
Muitas e muitas pessoas o cobiçassem.  
E de descoberta pobre, passaria a luxo.  
De gratuito, caro, muito caro o sabão ficaria.

E assim, meus caros, só os ricos o comprariam  
E só os ricos seriam bons.

E nessa fase, vendo tamanha auto-soberba,  
Os ricos fariam - com o uso de um sabão pobre -  
Um mundo sem máculas, sem nódoas  
E, principalmente,  
Sem Mágoas.

À T... À T...

Sapato com cadarço de metal.  
Sapatilha com ladrilho de sarau.

Olhos claros, azuis. Cabelos curtos, multicolor. Pele branca,  
libido. Corpo alto, aos céus.

Quadris... Ancas... Desejos... Coração.  
Fluidos. Trocas. Prazeres.  
Dias. Noites.  
Olhares.

E o desejo do primeiro toque febril.  
O primeiro do milhar.  
Imenso desejo. Imenso.

Coração?

## ÀS CORES DESTA EFÍGIE

Reparemos que poesia e amor,  
Mais do que nomes,  
São sentimentos íntimos,  
Únicos, que estão em qualquer lugar.  
Para todos... E...  
Vejamos! Sintamos!  
Que há linda e eterna poesia:  
Em todos os lugares,  
Em todos os sonhos,  
Em todas as visões,  
Para todas as pessoas...

Democrática natureza...  
Linda... Eterna...  
E que se doa...

O mesmo sol,  
O mesmo céu,  
As mesmas nuvens...  
Um só devaneio.

Para todos os que vêm  
Numa aparente repetição  
A poesia riquíssima de toda uma vida

E com esta poesia, pondero: eu amo!

## AVISO AO MEU DIÁRIO

Oi, Boa noite.

Estou melhorando...

Já consigo olhar para as pessoas quando toco.

A timidez dos primeiros tempos está a esvaír-se...

Minha alfaia agora canta com os olhos experientes do sabiá.

Agora só inclino a cabeça para baixo quando quero.

Para ver uma coisa que caiu...

Ou ver o repertório.

Meu sabiá canta... E eu olho para vocês.

Eu sabia que o sabiá sabia assobiar.

## **CASTO BEIJO É O QUE ARRANCASTE**

Um beijo longo, curvo e intenso.  
É o que de mais terno existe...

Um beijo curto, sincero, meigo...  
É o que de mais terno existe.

Um beijo esperado, visto, ansioso...  
E o que de mais terno existe:

Um beijo como tem que ser...  
O mais terno que existe!

Um beijo de amor...

## CONCEITOS ÍNTIMOS

**Eu**

Às vezes me concedo vinte e cinco anos,  
Um metro e oitenta, setenta e cinco quilos...

Às vezes me vejo ao violão, a cantar.  
Quem sabe, a encantar...

Às vezes me apego às poesias e aos livros.

...

Imagino-me numa banda. Imagino-me sorrindo.  
Imagino-me romântico - no lado afetivo e,  
Notadamente, no pertinente à vida.

Flagro-me, amigo, de bem do amor,  
Flagro-me dentro de alguém...  
Importando-me, respirando e sentindo...  
Preferindo o prazer deste ao invés do meu.

...

Vejo e tenho - sempre no bom da palavra -  
Ambição de crescer na vida.

...

Sinto-me verdadeiro.  
Sinto-me sincero.  
Sinto-me honesto.  
Nas estrelas...

Sou simples... Terno...  
Afetuoso. Sou homem!

Eu vejo poesia - eu tento...  
No entanto... Veja bem...  
Acredita nisso?

## **CORAR**

O fogo que sai das veias transforma o sangue em lava!

...

O coração é um vulcão ativo com explosões violentas.

...

Moto-contínuo de mil graus... Eterno!

A pele enrubesce. Torna-se escarlate!

O ser se transforma.

Ruboriza-se todo.

E após anos

De extinção... Acorda!

## CULTURA DA IMPERFEIÇÃO, MEDO E INSEGURANÇA HUMANA

*“...Claros são os dicionários de intempérie carne...”*

O carma de uma vida.  
O carma de um assassino.  
O carma de um covarde.  
O carma de um erro.  
O carma de um tartufo.  
O carma de um anátema.  
O carma de um velhaco.  
O carma de um mal.

Máximo é o carma da pobre alma.  
Da podre alma.  
Da putrefata alma.  
Da lástima alma.  
Da péssima índole.

Que alma falaz!  
Que alma mordaz!  
Que maledicência!

(Deus...)

Perdão ao trair de uma pobre alma... Estupefata.  
Espero nunca conhecê-la...  
Por amor e ignorância. Por medo.  
E horror!

## CULTURA E ALMA

dEfEiTo 01

### **O mau-humor...**

O mau-humor fere

O mau-humor adocece

O mau-humor enfeia

O mau-humor machuca

O mau-humor separa

O mau-humor destrói

O mau-humor influi

O mau-humor desama... Desama... Desama...

É uma fraqueza da alma.

Um soco na boca...

Um chute na orelha...

Morte ao mau-humor!

Morte horrível!

E vida...

...VIDA a quem é

Acometido por ele.

Antes que o mesmo

Abocanhe o que resta

De bonito.

## **DECIFRA**

Mãos ao alto!

Se não eu disparo...

Atiro, sim!

Atiro com esse bacamarte...

Com esse mosquetão de amor!

De Amor, Paz e Luz!

Apenas escondido num bacamarte.

## DEMOCRACIA

Te vejo.  
No escuro.  
Te sinto.  
Sem ver.  
Te toco.  
Sentindo.  
Te pego.  
E indo...  
Te gosto.  
Te sinto.  
E vindo.  
Assim...

## CULTURA REAL

**É ela!**

E depois... Depois de te ter, te possuir...

Penetrá-la profundamente, no íntimo,

No máximo de minha fronte parda...

Senti o orgasmo fluir de tua alma...

Senti o gozo sair de tua cama...

Senti o prazer de possuí-la em vida

E em carma de meus querereres...

E em ti, oh, feminil...

Eu gozei...

Eu vivi...

Eu senti

Teu beijo

Quente-ruivo...

Eu senti

Tua quimera,

Carne rósea...

Possuí-te...

A fundo...

A fundo...

A fundo...

E quando abri os olhos

Em pleno leito úmido...

Quanto te vi

Em prontos lençóis mornos...

Percebi que eras muito

Mais:

Do que eu tive;

Do que eu tenho;

Do que sonhei.

Foste muito

Mais

Do que as folhas  
De um livro.

Percebi que há vida pulsante em ti,  
Oh, literatura brasileira!  
Que me fez sentir assim...

**EU...**

*“Eu poderia respirar agora?  
Novamente?”*

Um quarto...

Um corpo...

Um quadril...

Um afago...

Uma anca...

Um olhar...

Uma pele...

Uma mente...

Um brasil...

Um cheiro...

Um afã...

Um gozar...

Colchão de molas?

Um sorriso...

Um desejo...

Uma nuca...

Uma boca...

Uma língua...

Um par...

Um toque...

Um bafejo...

Uma bruxa...

Uma flor...

Um abocanhar...

Uma vida...

Um fio...

Nenhuma palavra...

Nenhum pio...

Só você...

## **IGNOTA MULHER DO SABIDO DESEJO**

Dona menina, figura ilustre de sedução.

Dona qualquer, como única.

Dona... Daqui.

Fulana...

Mulher.

...

Um mundo de perguntas e libido para ti.

## LEGUMINOSAS

Vamos comer jiló...

Mastigar jiló.

Senti-lo, o gosto.

Por entre as línguas mornas...

Macias...

Sintamos!

O jiló cru...

O jiló verde, no pé...

Nos pés... (Já estereis por falta de água...)

O jiló seco,

O jiló morto...

O jiló já findo...

Que agora

Nem mais jiló é...

## **LIBIDO À FRANCESA**

Eu não a conheço. Ela é fulana.  
Eu a tive de perto, mas ela é de lá.

E o aqui do meu desejo - insaciável -  
fixa uma sombra de mim.

...

Cadê fulana?

*“Meus olhos, meu espelho  
Não me deixaram mentir  
Mentir novamente  
Eu não consegui  
- Não consegui...  
E hoje  
Depois de chorar de alegria novamente...”*

**Pablo Pindalô**

## NO FIM

Livros, fatos, crenças, luz, momentos, paz, lindezas...

Tudo palavras... Tudo letras... Criptografias...

E para que existem as palavras?

Se podemos sentir? ...?!

Quem sabe se de  
palavras tão frias...

Por si só tão

fríidas...

Façamos

sair de-

las, as-

sim...

O que

senti-

mos

por

e-

las

n

o

f

i

m

?

## **NOSTALGIA (Menina-mulher)**

Saudade do que eu nunca tive...

Saudade que não pude ter...

Saudade...

Saudade...

Saudade...

De quem eu nunca vi...

Dos lábios que não toquei...

Saudade... De ti...

Que nunca beijei...

Saudade a nada...

Saudade... Saí...

Quem sabe?

Saudade...

Saudades,

Morri...

## NUNCA HOUVE

Nédias palavras p'ra dizer  
Nem más para falar

Não possuo a grã fortuna

Neres notícias p'ra viver  
Nem tristeza p'ra passar

Não tenho regozijo

...

(1.) Não transpareço desespero – (1.) Não enriqueço a afa-  
sia – (1.) Numa sanha essa do ar

2. Não posso doar bondade

2. Nacos, pouco altruísmo

3. Não há que desatender

[b.] Não se pode afanar – [c.] Não se tem reles domínio –

[a.] Não há mais que transcender

D...

*“Diacho! Mai tu tá falan  
De que mes, hein, homi?  
Mai qui coisa mai complicada...  
Vivê né bão, não? É iss mes?  
Uai, vai pegá uma pinga  
No bá pá nós qui meiora, vai!”*

## TRISTE VERDADE FÍSICA

No afã da vida tosca  
Não existe medicina,  
Jornalismo e nem robótica.

Não existe.  
Não existe.  
Não existe.

Nada há fora do universo.

...

Talvez o amor ainda salve, só o amor...  
Isso até que se acabe.  
No momento em que o sol,  
Literalmente,  
Engolir-nos.

## O EPITÁFIO

*“Se a minha vida eu devotei à morte anunciada de meu viver maior... Perdoa-me!”*

Perdoa essa falácia.  
Esse falaz.  
Há ninguém para me velar.  
Nem nada... Nem alguém...  
Não tem como haver.  
Se o que poderia salvar,  
- a única forma para tanto -  
Também morreu.  
Morreu dentro do tentar...  
Que triste, meu Deus!  
Que triste!

Mas... Por favor,  
Não chorem por mim.  
Não derramem lágrimas  
Por um sofrer egoísta.  
Ai!  
Eu gozei. Tive orgasmos.  
Muitos... Demais...

Contudo,  
Só depois eu vi.  
Só depois eu senti...  
Que o que eu tinha era mais  
Muito mais...  
Muito até do que eu sabia.  
Do que viria a viver...  
E aqui, jaz,  
Morrer.

## QUANDO SE TEM A CASA NAS COSTAS

Minha barraca...  
Parte e começo de meu lar.  
Onde eu vivia...  
Onde eu cantava...  
Onde eu muito senti...

Que felizes lembranças tenho  
Dessa vida de viajante,  
De explorador...

Ai! Que saudade...

Do mato,  
Da mata,  
Do cheiro,  
Da flor...

Do monte,  
Da lua,  
Da estrela,  
Do amor...

Da verdade  
Linda...  
Calor...

## **QUEM INVENTOU ESTE TAL FEITO DEVERIA SER COROADO REI DA VIDA**

Fazer amor é muito bom.

Amor.

Amor.

Amor...

Mas... Mais:

Mais. Mais. Mais e mais.

Mais do que isso:

Ter um é muito bom.

Deixemos a brincadeira andar...

Pintemos os narizes...

Vivamos! Gozemos!

## SALVE PIRATININGA

Cacique Tibiriçá, Piquerobi,  
Jaguaranho, Caiubi,  
Martim Afonso, João Ramalho,  
Antônio  
Rodrigues e Anchieta.  
Todas as mulheres daqui...

Aos erros e acertos,  
Todos começaram a cidade.

São Paulo ressurgue:

Viva,  
Doente,  
Milionária,  
Miserável,  
Limpa e imunda,  
Planejada,  
Caótica,  
Cultural e violenta,  
Ruidosa...  
Amável...

No córrego demônio, no rio tamanduá,  
Na antiga aldeia peixe seco.

São Paulo transparece,

Cresce,  
Respira.  
Em esperanças,  
Crenças,  
Furacões...

São Paulo, uma tal vida.  
A cidade que mais beija  
O Brasil.  
Que entristece...  
Que orgulha.



•

m.

im.

Sim.

## TEXTO RAIA

Honesto contigo, honesto comigo.  
Sabendo dos ferrões venenosos.  
E em sabendo, não os aprovando.  
Nem os querendo.  
Melhorando...  
Os deixando para trás,  
Longe, na cauda.  
Quase indo embora...

Enquanto na água  
As quase mãos nos empurram para frente,  
Jogando as águas  
Passadas...

...

Sonho o beijo derradeiro...  
O que nunca tive.  
O que terei...  
Em raia,  
Ferrão...

## VONTADES

Desejo querer um querer-te mais quisto de ti.  
Numa querência vejo-me em teu querer-te também.  
Na maior e afetuosa vontade...  
No desejo de ter-te... Ter-me... Ter-nos...  
E já tendo... (Em várias pessoas.)  
Como a mais sublime das ausências.



# SEGUNDO LADO

## **À LINGUAGEM DO TEU CORPO E LINDA APARÊNCIA REQUINTADA**

Entrar em teu corpo e criar as mil paixões: das mais arrebatadoras do mundo. Invadir, conhecer cada pedaço de tua carne. Sonhar no mesmo instante de teu corpo. Entrar em tua mente, transcender poesias... Fazer de um mundo, um céu e de uma ilusão a anti-falácia. Deixar-te entrar em mim, profundamente, em minha alma, em minha áurea, em minha energia... Que nem minha seria de tão amante posto. Conceber, num eterno e fugaz espaço, uma leva inteira de átomos, quentes, insanos, rumo à multiplicação, num moto-contínuo. Multiplicar as sensações: angelicais, ternas, lindas, loucas... Sentir a energia vinda dos primórdios... Da grande explosão que criara o Universo.

Importante para entendimento do texto anterior.

## **A SAGA EPOPEICA DO MENINO CONTINUOU**

“Depois de ir da terra aos céus, da praia às nuvens, do mar ao cume do ar rarefeito, numa poética ascendência, ele ainda continuava a trilhar caminhos e absorver situações. O menino sentia e continuava a flutuar... Ainda aos céus, vivenciando, gozando, ele ia... Continuava...”

Dentre seus párias às nuvens, o Menino se deparou com um inanimado. Era um antigo amigo, um antigo companheiro de brincadeiras, sorrisos, alegrias e festejos. Era o De Lucca. O grande e brejeiro De Lucca, amigo italiano de todas as horas. Sim... Era ele. Casto moleque peralta, um viva! Italianinho que vivia correndo por aí, pelos ares, no céu azul-anil, sapecando, tilintando sinos, campainhas, campânulas e sinetas: Tim lim lim lim... Fazia a zoadinha dos metais cantantes... Pasmem! O De Lucca era um diabrete, um traquinas zás-trás. É realmente incrível como ele conseguira tais feitos arteiros e, também, grandes amizades. Era espantoso ver, saber e sentir as das suas. As tais arruaças e desordens do ítalo-diabinho eram mor. Todas eram memoráveis e dignas de mistério e admiração. Sim, por que, na verdade, o De Lucca nunca fora como nós, ávidos leitores de sangue quente. O De Lucca? Não. Ele era diferente. Não era um mamífero. Ele era uma pedra, literalmente. Não tinha carne e nem osso. Era só um rochedo, uma grande roca que absurdamente vivia nos céus, entre os gases de vapor que formavam as nuvens. Sim... Por isso o assombro febril. O italianinho vivia lá. Sentia... Pois no mundo do seu amigo - o Menino - não havia lugares para objeções terrenas banais. Pedras viviam no céu, também. E tudo isso num plano físico, oras...

O caso é: depois de encontrar com esse amigo peralta, o Menino distraiu-se com um ícone celeste, quase angelical, e tropeçou nas suas próprias pernas e cadarços. Com isso caiu, bateu com a cabeça no De Lucca (com quem daria um apertado e saudoso abraço), teve traumatismo craniano, quebrou o braço direito, onde houve uma fratura exposta, e feriu as mãos, deixando-as em carne viva. Na queda, várias outras escoriações foram abertas. Em contrapartida, seus pés, suas pernas e seu cadarço - causadores e cúmplices dessa desventura quebra-ossos - nada tiveram: nem riscos, nem arranhões, nem ferimentos. Absolutamente nada. Acaso do já ocaso.

Tirem suas próprias conclusões.

A história continua...

## À SENHORA MATARAZZO SILVA DE ANDRADE PINTO SOBRAL

E por um minuto eu pude sentir meu coração... Senti minhas veias pulsando o sangue da vitalidade. Eu vi partes escondidas de teu corpo. Sim, eu vi! Sem perceberes. Partes de tua pele à mercê não mais de tua roupa, mas de meus olhos famintos. E que por sessenta segundos vibraram com o presente dado involuntariamente. Um presente dado à fantasia. Ao desejo. Ao sonho... Tua pele me deu sede. A pele vista de tão longe (e que parecia tão íntima) encheu-me de sensações. Inflou meus pulmões com ar morno. Inflamou meu sangue. Senti tremores delirantes em minhas mãos. Vivi o sonho de toda uma vida por segundos. Minha alma orvalhou de esperanças. Eu voltei a sorrir - e nem percebeste... O pudor findado por alguns instantes me deu ânimo de querer-te ainda mais. O pudor roubado por teu pequeno relapso. Grande relapso. Lindo...

No instante seguinte... Eu chorei. E toda a melancolia voltou. Como numa viagem que acaba no melhor momento. Mais uma vez voltou a tristeza. O cinza. O negrume da noite só. A sombra da solidão insistiu mais uma vez em bater à porta. A saudade voltou. Tudo porque o olhar que te fitei não era digno do teu. Tudo porque tens olhos para outro. Porque teu coração bate num compasso diferente do meu. É como diz um amigo: “muito mais do que amor é o que em verdade existe em nós...”

E isso é triste...

## À TUA COR DE VÊNUS... (QUE ACARICIA)

É o vermelho da tarde que te cobre, impávido, quando tu cobres teus cabelos de colorau. As colorações escarlates te dão força, energia descomunal. Madeixas da cor do fogo. Muito vermelhas. Extremamente vermelhas. E és bela assim. Mais ainda! A luz do sol te dá o brilhantismo celeste, quando, como por magia, toca teus fios. Transforma-te em algo superior. Não és mais mulher, ser humano, terrestre. És mais! Tua queratina rúbea te dá o universo. Faz-te angelical. Superior à matéria. A cor púrpura como tua carne... Como teu sangue... Como a vida. Tu transcendes à própria vida, tamanha beleza que enlevas. A beleza sem fim... Ilimitada... E que faz, que transforma, que produz, que acalenta e que acende. Que combusta e faz desejo. Que requeenta e queima a pele... Os olhos... Toda a paixão. E o amor... O mundo é pouco agora. Sentimentos nunca antes sentidos pairam sobre nós. Provas irrefutáveis... Surrealismo...

O dia seguinte renasce... Os cabelos rubicundos atacam o que resta de pudor. A carne se põe ao espaço. Vive e se iguala ao desejo de ter-te. Teus cabelos dão essa pequena fresta de esperança, humana. Os nervos se imaginam fortes. Eles te sentem. E como num segundo de prazer, o próprio corpo se inverte em força de Sansão... De Deuses gregos... De divindades Tupi... Maias... As madeixas vermelhas dão a faísca sentida, o estímulo maior. E se deixam... Os corpos caem, exaustos, suados... Desejando o porvir dado... O prazer do próximo segundo... O sentir mor de única unidade física... E só assim vem a cama. E a calma... Abatida no próximo segundo. Nessa forma, percebo-te: Vênus, humana...

Oh! Ruivas... Tanta força numa só cor. Por quê?

## À TUA SOMA DE TODAS AS CORES

Eu gosto de mulheres extremamente brancas. Extremamente pálidas. Alvas, muito alvas. Gosto de mulheres assim... Nada que eu possa explicar facilmente. Coisa de pele... Marca de nascença... Signo adquirido. O fato é: eu gosto! Tenho desejos! Sinto espasmos! Adoro olhar a tez de mármore e, por horas, admirar... Encostando meus dedos, passeando-os por todo o corpo sem melanina, tão feminil... Tão belo... Navegando por entre um mar de pele linda... O paladar se prostra, padece... Sinto ardor ao sentir o gosto, doce, dessa forma tão desejada de vida. Minha língua, minha boca e meus beijos podem passear por dias e dias sem se cansar de tal néctar... Tenho paixão por mulheres alvas. Alvas! Muito alvas! Traz-me paz olhar para as veias aparentes de tal corpo ímpar... Os cerúleos veios de amor e sentir... Fascina-me poder vê-los, os delicados vasos, através da pele quase transparente... Sinto um enorme calor em falar disso. Em sonhar assim. Em desejar assim. Sobe-me uma força por entre o peito, espalhando-se por todo meu corpo, já incitado a querer mais... Mais... E mais de um coração que pulsa, quente, em corpo repleto de terna melancolia e sal.

Branças... Alvas... Maias... A tez é mágica. Tua tez é mágica! Vem... Linda... Que fazes de pobres mortais, seres celestes, como tu. Por osmose, serei anjo. Há querer! Há cobiça! Desejo! Vem... Sim... Tenho-te em meus sonhos! Tenho desmaios de amor! Convulsões de paixão! Brisas à alma... Tenho o mundo em mãos... Ao lado. O dia todo! E tu és assim. És só assim. E só assim... Em mim.

## ALGUÉM E INTERESSA AO QUE ESCREVO AO ÁLIBI DO BIDÚ

Ontem eu falei do limão. E foi ontem falado. Falei da abóbora e do Habu... Sentir-se vil. Levando assim: ei, casa comigo! Casa do amigo. Chupeta lasciva. Cobra de lagarto e Vassouras fica no estado do Rio de Janeiro. Como pode ser rio e nem ser molhado? Coitado do planeta de merda. Palavras bestas que nem servem para chamar a atenção. Ou nem isso. Para não chamar as tensões. Falta de tudo nesta pústula amorosa. E em faltando eu falo: máquina digital, ânimo, bom sexo. Por falta de pele, por falta de sol, por falta de ação da Câmara de ar. Por falta de paciência, por falta de originalidade, por falta de sêmen, por falta de saco mesmo: sem saco como procriar? O saco de cola taturana. Como ter e dar prazer? Cavalo de raia. Sexo tântrico? Tutu à mineira paulista carioca de cocotinha... Eu sou assim? Titi e totó. Ter e fazer tântricamente. Não viajo por aí. Bubu é Gabriel. Prazerando à vida... Vida noves fora zero é Drummond. Enfiando... Casa do pirilimpimpim. Buraco de bola de tatu. Saco de estopa. Estopa de falurizim... Falurizim de merda essa... Falurizim de bosta mesmo...

...

Sem sentido em não sentir-se.

## ALGUM PRIMEIRO ENCONTRO

Praia. Um entardecer aos olhos. Mágico porvir. Sentado na areia... A vida ganha o mar. As estrelas. O som do oceano. As ondas. O violão e a antiga melodia.

Você caminha em minha direção. Senta ao meu lado. Ganhamos sorrisos. Os seus olhos são lindos... Você canta o amor. Não há palavras - já não importam. O momento é luz. Faz a intimidade. Uma lágrima. Nossos olhos... Você sorri. Lhe abraço. Sentimentos. Corações. Um olhar de carinho. Um afago. Vejo-lhe perto. Mais perto. Meus lábios tocam... Queimam-se nos seus.

Um beijo. O mais lindo...

## AMANHECEU

Numa manhã serena e pacata, bela e silenciosa como não costumava ser, nascia o sol detrás daquela serra. Os primeiros raios de luz deslizavam à terra numa força clássica e espantosa. O sol surgira finalmente... Toda a plantação de cevada, orvalhada pela noite, espalhara-se pelo campo. Numa demonstração esplêndida de vida, a plantação mostrara-se ao mundo e à luz. Já não mais esperava o sol... Toda ela, agora, sabia que a estrela mor viria. Toda uma noite fora aproveitada como necessária... Como um exercício de calma e sapiência. A noite tinha atributos, sim, e estes foram quistos também. E vividos com intensidade. Todo negrume passado fora aproveitado e aprendido.

Passado... Hoje era manhã! Clara, doce, meiga e sensível manhã... A plantação colhia-se. E colhia os grãos de sua própria paciência e vivacidade, agora maior. Um beijo... Um beijo era o que a plantação sempre sonhara. E sempre pedira. E sem pedir demais, neste alvorecer, conseguira todos os beijos da vida e do mundo. E sem pedir demais, ainda assim, deleitara-se com a força admirável de um astro rei, agora caído por ela. Querido por ela. Junção... Formara-se uma só unidade terna. Criara-se todo um mundo melhor.

...

A vida é assim...

## ÀS MENTIRAS QUE ELES CONTAM

Vai meu senhor, não deixe o coração cair. Se ele já foi ao chão... Não o deixe rolar. Se já está rolando... Não o deixe ir para longe. Se já está longe... Não deixe de ir atrás. Se estiver inalcançável... Não deixe de lembrar. Se estiver amnésico... Não deixe de respirar. Se não houver ar... Sim, morra! Mas de uma forma poética, no mínimo. Os corações, às vezes, fazem isso. Matam dizendo amar. Fogem emitindo desculpas. Se era senhor... Sinto muito. Ao menos não se atrasou em demasia. Seja bem vindo ao calvário de nossas próprias mortes. Todas horríveis, desnecessárias e prematuras. Mas, antes... Veja! Pegue um pano. Limpe, escreva à lousa. À nossa morte! Brindemos ao horror.

## BICHINHO NO SANGUE

*“O leite das crianças foi fruto e cacho de pome-  
nors. Quem sabe acabou o que havia naquela família tão  
cheia de palitos.”*

Não me importo mais. A minha libido acabou. O meu sexo fingiu. A ama-seca secou. Não tenho mais leite. Não tenho mais paciência. Não tenho mais carinho. Não sinto compaixão e não tenho sangue para a sangria matinal de todos os dias. Por isso peço, com toda gentileza, ao bichinho amestrado: vai para puta que o pariu!

...

Só isso. Agora o bichinho morreu.

## CASUALIDADE ETERNA

A noite cai e o sono vem. Bate-me às ventas esta sonolência grande... Que aumenta a cada segundo. Sem bocejos, mas com todos os sintomas da cama. Contudo, e mesmo assim, eu penso em ti. Em como eu te amo. Em como eu te quero. Em como minha vida é afortunada por ter-te nela. Sinto um carinho enorme por ti. Um querer enorme. Verdade... Por que é isso que sinto e é isso que preciso dizer. Meu amor é grande, meu coração é largo e minha vida ultrapassa. Não há limites. Amo sem pedir retorno, reciprocidade... Amo apenas por amar. E como numa história de minha própria vida, eu sempre amei mais do que fui amado. Agradeço.

...

Estou (in)feliz e agora sem sono.

## CEM ANOS

Da rua ela voltara para o quarto. O mesmo quarto tépido e viçoso ao qual sentia arbítrios insólitos. Daqueles que só um corpo desejoso e úmido sabe dar. O quarto era tépido... Mas a cama febril. Todo o mundo ali cabia. O desejo era tanto que mal podia se ouvir. Havia mandados e ordens deleitosas, insanas. De uma loucura beirando ao êxtase da alma, à volúpia suspirosa, ao orgasmo de pensamentos... Quiçá os de pele. Era um universo tântrico e fugaz. Mágico. Sem fronteiras para a dúvida. E, sem pestanejar, ébria de luxúria, se lançara ao quarto novamente. À cama. Aos lençóis. Caíra, sagrando. Morta de vontades. Morta de mortes. Porque aquilo era vida! Mil existências! Mil universos!

...

E as duas viveram cem anos em um dia.

## CHURRASCO DE FEVEREIRO

Se o carnaval é a festa, de uma forma ou de outra, da carne... Então que se faça a maior e melhor festa carnal do mundo. E a maior e melhor de suas vidas também. E toda festa não deveria ser assim? Brincando... Muito... Mais... Como se fosse a última. Com direito a carnes mal-passadas, bem-passadas e até, quem diria, com as tradicionais carnes cruas mesmo. Claro, sem esquecer dos caldos naturais. Usem e abusem do que a vida lhes trazem.

Responsabilidade e lubricidade: amigos merecem e muito.

...

Até o fim do carnaval...

## CONTEMPLAÇÃO... A TI

O que fariam as paixões por tais pessoas em particular? Que sede, vinda dos infindos desérticos, nos mergulharia em um oásis de tão alvas águas? Que fome traria a tão branca essência, interna, de um pão, para dentro de nosso íntimo? Quais seriam os segredos de tais criaturas pálidas, alvas, maias, ao transcenderem ao próprio criador? Deusas! Brancas! Branquíssimas! Onde estariam as poesias... Palavras... Que traduziriam em letras, sons, sóis ou nuvens a doce vivência de tão lírica tez? Ela, própria em si?

...

Se sim, diga, linda.

## DEPOIS DA TARDE VEM A VENTURA

Hoje eu me olhei no espelho e vi que meus olhos estavam entreabertos, roucos e macilentos. Não era de se assustar, mas o susto veio. Veio por que os olhos só representavam o que a manhã me dizia: tu estás com sono, Dom! Pois bem. Passado o fato, o susto até que foi um bom evento. Se todos eles fossem assim, eu diria que assistir filme de terror seria “sopa no mel”. Sustos? Risos para você.

Veio a tarde com seu sol forte e disse:

- Onde estará o Dom?

Eu lhe digo, tarde:

- Estou trabalhando. E num ambiente que não me deixa saber se está ensolarado, se está chovendo ou se está nublado.

Esclareço: trabalho numa caixa de concreto, movida a ar-condicionado. Onde se ajuda a mover toda a maquinaria do nosso presente e assumido capitalismo selvagem. Vendas, irmão, venda! Sem piegas!

Fim do expediente. Largo de mais um dia na caixa.

Contudo, o final da tarde veio e seu crepúsculo rúbido me disse:

- Dom, o que queres?

- Eu, final da tarde?

- Sim.

- Eu quero sorrir mais.

A tarde, com seu sorriso mais que sapiente, cochichou para mim:

- Mas, tu és feliz.

- Sério? Eu sou?

- Claro que és.

- Se a senhora, tão sabida, diz isso...
- Claro que digo! Sintas, meu anjo. Um beijo.
- Um beijo, Dona Tarde.

Somente à noite fui desvendar o que o fim do dia havia me dito. É que a tarde já morre sabendo que nascerá depois do meio-dia. E ela sabe que é única, especial e amorosa. Morre. Mas revive no amanhã do coração de quem a admira. Sobrevive na alma de quem não a deixa passar despercebida. Por isso eu vi que a boca falece, sim, mas ressurge numa mesma emoção, ressuscitada das cinzas. Num mesmo orgasmar de um velho e redescoberto beijo. Numa tarde do amanhã. Vive num susto.

E, assim, eu proverbiei:  
- Viva a noite, então!

## DIÁRIO

Sons... Imagens... Palavras... Frases... Pessoas... Sentires... Quereres... Poderia-se falar e falar sobre esses dias que te antecedem ao hoje. Poderia-se falar da tua semana, do teu ontem, do teu hoje... Poderia-se. Mas - como num turbilhão de águas do pacífico - tu apenas te recolhes. Põe uma foto minha e te resguarda ao que tua pele e mente têm aqui...

Por isso, hoje eu me publico! E docemente, digo: viva!

...

Há quase um sorriso aqui.

## HISTÓRIA INTERESSANTE

### Eu e “Ela”

Eu sempre ando pelas ruas do bairro ao lado. Há um movimentado comércio por lá. O meu é bem residencial, se compararmos.

(Pausa)

E nessas várias andanças, numa loja de calçados, eu vi esse ser feminino. E de tanto andar, passar, voltar e repassar por lá, nós criamos uma espécie de cumplicidade. Já furtei olhares, nuances, piscadas de olhos e até promessas de amor. Tudo nesse olhar - aparentemente vago e disperso. Criei sentimentos vários: carinho, respeito, paixão... E, hoje, posso lhe assegurar: é o ser feminino que mais me chama a atenção em toda a cidade. É a única que me faz ter calor no coração. Ninguém mais em São José me faz sentir assim.

Pode rir. Eu entendo.

## **HOJE EU FUI CHAMADO DE HIPÓCRITA... ONTEM EU FUI CHAMADO DE SARCÁSTICO**

A tamanha força usada em tais palavras me fez acreditar que, realmente, eu deva ser assim. Mais até. Além de hipocrisia e sarcasmo meu ser deve estar impregnado de canalhices, velhacarias, estupidez, maldades, ódios, orgulhos, arrogâncias, baixezas... E, ao refletir sobre os dois adjetivos do título, percebi: eu também tenho vários outros pormenores. Compreendi que nesse caminho tortuoso de negatividades eu transmiti (sem culpa alguma): aids, câncer, gonorréia, sífilis, cancro mole e duro, candidíase, lepra, supra-sumo, sangria, hemorragia, hemorróidas, desfiguração degenerativa mental e anti-sândalo. Pior do que o já dito, eu tenho a mais grave e incurável moléstia já vista nas faces. Sim, a pior. A pior de todas! A que destrói e faz com que eu acredite em tais palavras ditas a mim - isso por eu dizer apenas o meu sentir.

Eu tenho a minha alma e coração vazios. E estes - imagino - por culpa de meu sarcasmo e hipocrisia, só agora percebidos.

## IMUNE AUTÓCTONE

Quando certa cabeça não havia sentido as madeiras dos pregos, o sentido era perspicaz. Porque tudo era corrido e tinha muita ventania. Pipas, cabelos ao vento, lubrificação ocular... Tudo era lindo.

Depois dos pregos na madeira.

A rixa, contínua dos manguezais, não tinha força. Nunca teve. Há fim nisso, meu filho! Goze a sua vida, e goze literalmente para ver. Ver que sua pele é feita de nervos. Nervos que não sabem o que são doenças de Vênus. Imune você é. Imune ao próprio invólucro celular. Sabendo disso, cabe a você sentir.

## INEXPLICÁVEL

Era como se o céu nascesse entre as mãos... O mar entre os dedos... Como se - por uma questão de minutos - ele estivesse pairando no ar... Voando... Sentindo toda a brisa terna do mundo no rosto, castigado. Não havia mais dor. Ela era uma lousa posta a quem já não mais existia. Ele voou. As rótulas gastas já não eram rótulas... Eram o universo. A Via Láctea, posta em seu ser, era pequena para o que sentia. A mente transcendia. O coração pulsava... E por um minuto ele pode sentir que há esperanças para uma alma repleta de sentires. Para um ser cheio de sentimentos. Seu mundo - pequeno que é - pareceu maior. Completo, tão vazio de vácuo. Repleto. Confortado. Feliz.

E foi um viver...  
E foi um sentir...  
E foi,  
Sim,  
Porque ainda o é.

...

Me sinto melhor.

## INSTANTES

Um céu caído em terra... Um sonho, assim, posto aos céus. Minha mente, celeste, viaja. Meu coração em meio a tantas nuvens... Dispara. Voa. Alcança o espaço, que agora é perto. Minha pele tão cheia de frio, mais perto do sol, esquenta. Minha vida realça, cora. Meu sangue fervilha ao lado do rei. Todas as estrelas juntas de mim. Tatuadas. As quero! E as tenho nesses segundos de anjo, de paz e de amor. O prazer é fato. A chama é fogo dado. Sinto o estremecer de meus lábios postos. Um beijo roubado. Sinto a língua em mim. Um amor-fogo. Os braços, as mãos... A paixão. Os corpos. Os fluidos. A parte tátil dos nervos... As sensações de todos os deleites caindo em chuva. Os cheiros. As bocas. O tocar sensível. O prazer. Criaturas celestiais, postas como gostas... O céu em mim. O céu em terra. O céu em ti.

O céu...

O céu...

O céu...

## ÍNTIMOS DE INTENÇÕES...

### RIQUEZAS RARAS

Rio, sim! Porque, no fundo de tudo, eu rio mesmo é do teu medo. Desse medo de tentar, de arriscar... Dessa vontade de não ter vontade. De, no íntimo de tua sapiência, feneceres. Existem outros homens, outras pessoas mais interessantes, aparentemente. E até interessantes de verdade. Existem outras bocas... Existem outros beijos... Vários seres viris... Cavalheiros até. Uns românticos... Uns menos... Homens! Pessoas! Grandes potenciais! Mas se existem possibilidades poéticas, certas... Por que o medo? Por que o receio em tentar? Ver de perto é só uma brincadeira de criança. Ver... Ver... Ver... Sentir é mais! Ele pode estar do teu lado. Tochar-te. Causar-te arrepios... Isso é clássico. Entendes? Clássicos? No entanto, o bem maior... O sentir maior... O tesão maior... É dado por íntimos de intenções. De vontades celestes. De desejos reais. Verdades. Sim, as que tanto enganam os que só vêem e não sentem.

Sentir e viver verdades são coisas raras. Mas dá para perceber... Pequenos detalhes os dizem. Sempre eles, os pequenos detalhes. Coisas simples... Por exemplo, tocar-te e dar-te prazer pode ser fato. Mas, tocar-te, dar-te prazer e ainda desejar-te, querer-te feliz, ver-te mulher, transcende. Imagine um arrepio (clássicos, lembra?) com um bafejo morno na nuca. E por querer! Por querer-te verdade. Por ver teu bem! Por ti e só por ti. Teu prazer retribuído é um prêmio. O gozo maior é teu e vem de ti. E isso, minha linda, não é visto. É sentido!

Tenha medo não! O riso é pelo medo. Tenha medo é de ter medo. Pois é tal vertigem que faz a vida menor. Tua vista não te dá a chance de gozar, por exemplo, com teu dia ruim. Ouvir o teu dia, com os olhos, não é poético. Não traz melodias.

Perceba. Aproveite antes que a vida nos tarde... E isso, sim, seria digno de medo.

## LÁPIS DE TODAS AS CORES

Vermelhos... Amarelos... Cinzas... Azuis... Precisamos de cores para criar os olhos. Cores fortes. Cores vivas. Cores que realcem as habilidades sociais... Amorasas... Intelectuais... E todas.

Habilidades do viver, do sentir, dos nervos... Quero lápis de cores. Grandes... Potentes... Latentes... Lápis para desenhar arco-íris... Prismas... Águas... O branco... Tatuagens...

Quero mais lápis de tuas cores... Quero as tuas cores. Quero a troca. A fusão.

*“Aos teus vermelhos, rubros, carmins, ruborizados, colorais, escarlates, rúbidos, afogueados, púrpuros, rubicundos, carmesins e ruivos pêlos. E que tanto mexeram comigo quando eu os descobri...”*

## **MEMÓRIAS: EU EM TI**

(Casto...

Ainda lembro de quando eu coloquei a minha boca e a minha língua em ti. Não gostei do teu gosto. Era salgado, salobro. Parecia vir do infindo da insegurança, do desconhecido medo, de um céu de trevas rotas. Eras, ainda, ignota mulher...

Depois... Ah! Só depois que teus fluidos afluíram os resquícios de tua paixão, mansamente, é que eles começaram a incitar minha fome. A excitar meu paladar. Surgiu o sutil sabor adocicado de tuas entranhas de gozo e mistério. Comecei a apreciar-te a fundo, muito, realmente. A massagear-te. E teu suor começou a fluir glicose. A beijar-te. E tua lúbrica carne escorreu o sabor do mel. Cada gota de tua preparação amorosa ficou totalmente agradável, familiar. Criei coragem e pus minha boca como nunca quis antes. Tu gostaste. Eu também. Mais. Tu dizias isso e assim descobriste - coisa rara - o semblante gozoso de uma alma cheia de testosterona. Sim. Eu via que tua rosa pulsava o afã amoroso. E tinha rastro de amor. A senti íntima. Tua flor exalava o cheiro de atração aos beija-flores. E eu me sentia o mais deleitoso deles: sugando-te, beijando-te, bebendo-te, sentindo-te como jamais senti. Tu já não falavas, murmuravas sons. E eu via-te. Tua flor era meu mundo quente. Tua flor era meu mundo úmido, ensangüentado, macio, acolhedor, rosado... E lindo como nunca! Lindo, lindo, lindo! Não mais existia nojo, medo ou receio. Só tuas pernas semi-abertas, teu rosto, minha boca, teus lábios e nossas vidas fluindo ali. Não havia coisas vulgares, só a vida. As vidas, mais nada. E eu tinha

tudo o que precisava para viver: nós. Meu mundo brilhava, meu universo rugia, minhas estrelas se riam, minha lua ex-tasiava. A sensação de tempo deixou de existir por alguns minutos. Transe. Deleite.

Pouco depois, novamente vi-te. Teu semblante já era de paz, de contemplação, de descanso, de espera. E eu tinha tudo mais uma vez. Teu púbis ruivo, desnudo, abatido e agora morno, só coroava um mar repleto de luxo: o luxo do teu corpo e pêlos vermelhos; o luxo de um desejo apaixonado que apenas começara; o luxo de tua existência, de tua flor e de teu mel; o luxo de tua tez alva. Eu já bebera tudo de ti. Banhara-me na tua nascente e no teu corpo. Agora eu só admirava-te: o teu angélico sono, o teu corpo descansando, tuas mãos, teus braços, tuas pernas, tuas coxas, tuas ancas, teus quadris, teus seios, teu pescoço... Ah, o teu pescoço. E também o que eu mais me lembro: teu cheiro, teu cheiro, teu cheiro...

E tudo isso era admirável.

Meu amor...

...vivido)

## **MEU ROSTO**

Olho o meu rosto de sedução. Eu olho e não vejo. Mas... Quem quer saber, ver? Viver é mais. Mais do que ver. Em uma maré toda cheia de luz, o que sinto é fruto de mim mesmo. Eu sou a maior prostituta. Pedindo desculpa às mesmas. Elas são divinas, eu não.

## **CONFISSÃO AO RUIVO DESEJO**

Desejo e confesso:

Tenho uma verdadeira adoração, amor e admiração pelas mulheres que possuem como cor das madeixas a púrpura flor dos colorais. Rubicundas, rubras, ruivas, rúbeas... O valor que é dado por mim e o desejo que arde em meu coração quando as vejo é ímpar, surreal. Mais: quando as vejo num caminhar desinibido pela rua, com o sol refletindo aquela cor mágica, pelas calçadas ou quando estão, fadas, dançando e, ao mesmo tempo, conquistando, em alguma festa. Sinto ardor, vida. Meu gostar é tamanho que não consigo descrever em letras. Apenas sinto. Queimo. Me consumo. Amo. Amo ruivas. Muito. Demais. Pois são tudo de mais lindo na lua. Entidades com formas feminis. Lindas, poéticas, profundas... Escarlates!

## MINHA MÃO E AS RASPAS DE CENOURA

Sem nem mesmo imaginar ou querer imaginar tal coisa, lá estavam elas. As raspas de cenoura. Na minha mão. Impregnando a pele tátil como nuvens em dias de tempestades. Laranjas raspas. Coloridas. Deixando meus dedos, e principalmente o meu polegar, diferenciado. Ímpar polegar. Infestado de cor diferente. Diferente daquelas ditas normais, óbvio. Passei a outra mão, tentei limpar. Esfreguei e mesmo assim, com toda força e aparente perfeição, ela saiu. Sim, saiu. Pensou que não sairia? Ou sairia com dificuldade? Não. As raspas de cenoura já saíram do meu dedo. E digo mais: foi agora, acabaram de sair. Imagine! Foram-se as raspas de cenoura. Cenouras raspas. Foram-se! As raspas. E como num anti-mantra eu não repetirei. Meu dedo está limpo, por isso!

**NA MESMA ESTRADA DE MONTEIRO  
LOBATO – SP**

Ontem ela andou no escuro, sozinha.  
Viu o céu tão cheio de estrelas  
Que o sorriso veio calmo...

Numa estrada de asfalto, rural...  
Na penumbra, na noite negra...  
Sem ver nada a mais de um palmo.

Ela levitou...

...

(Duas da manhã)

Chácara.

Risos vindos de longe, alegrias alheias, instantes felizes, beijos, fluidos... Entre os olhos fechados e o pouco ar, pessoas viviam. Havia a festa, entre a procura de amigos, nos seus momentos. Nas luzes dos postes, havia festa. No negro dos olhos, na histeria, nos dentes a mostra. Havia risos, havia guizos. Havia cáries, havia festa. Havia tudo. Havia tudo!

(Pausa maior)

Fugida do antro, já distante daquele parágrafo...  
Num pobre mundo solitário...

A menina começava a respirar,  
A sentir ar em seus pulmões.  
Seu mundo, seu corpo, sua mente...  
Formaram-se passos. A estrada.

(Pausa)

SP50. Sozinha, era como se a noite se desse em poesia. Ao seu caminhar surgiram vaga-lumes, luzes no acosamento... Pontos lindos no céu... Sombras... Breu... Um grande negrume solitário forçava os seus suspiros e o tempo. As pupilas, o nascimento delas. A estrada... Os passos... Caminhou vários. E no meio do asfalto, já longe, sentou-se na via... Refletiu. Aliviada, percebeu o seu redor e chorou. Contemplou o firmamento. A viu nele. Como um astro peregrino, solto ao luar. Sentiu-se bem... (Por saber que poucas pessoas haviam sentido aquilo).

SP50, movimentada rodovia. Parecia loucura, insensatez, mas naquele horário, naquele lirismo, era seguro sentar ali. E ela viu todas as constelações. Viu as nuvens e seus desenhos no céu. Viu estrelas cadentes, mais vaga-lumes, mais luzes. Sentiu o aroma do campo, da terra úmida da noite. Ouviu o som noturno dos animais. Rãs, cigarras, grilos, sapos... Sentada no asfalto ainda quente, ela floriu...

(Quimeras)

Novamente ela se viu no lugar, contida no que sentia. Viu e sentiu-se triste. No jardim da lousa negra, comprida. Por estar só, com o seu coração, ali:

Sem ter compartilhado tais momentos. Naquela brisa que batia em seu rosto... Na melodia cantada pelos bichos... No bafejo morno daquelas horas... No arrepio quente de sua pele... No grande panteísmo de todas as noites... Na levitação de seu corpo... E na sua própria solidão.

## **NAS VIDAS INFINDAS DE UM BOSQUE DE EUCALIPTOS, NASCE UMA VIDA**

Cresce... Desenvolve-se... E sofre as influências da cor vermelha. As festas que produz, regam de prazer a mente da criatura. Ela ama. O criador, de longe, a vê com receio. Dizem que sapiência se dá aos que viveram e têm experiência. A vida/criatura vive. E recebe luz vinda de seu amar. O criador padece. A lição é: amém! Se sofrer é possível, amar é fato.

## OLÁ, MARCELA

Eu entendo... Eu entendo o teu cotidiano, meu anjo. Sei que teu tempo é corrido e disputado. Que tuas horas vagas são como um oásis em meio a um turbilhão de obrigações. Ordens e deveres para com teu emprego e vida financeira. É uma vivência agitada, igual à de milhões de pessoas nesse mundo, mundo, vasto mundo... Mas será que mais vasto não é teu coração? Os corações, os nossos corações? Entendo que de tanto atender telefones teu ouvido já não agüenta mais. Te enjoa apenas o fato de encostar a orelha em algo parecido com um gancho. Esses ganchos... Frios, mudos e feitos apenas de plástico. Pobres ganchos de telefone! Tão diferentes de um leve sussurrar... De um hálito lúbrico... De alguma palavra amena, reconfortante ao ouvido. Tão diferentes de uma língua quente e úmida. Indiferentes. Teu final de semana à casa é um alívio dessa loucura, desse “viver” impregnado de competição. Ficar no teu quarto, escondida, é melhor do que qualquer tipo de ruído que lembre teu trabalho. Mas, vejo que estás a reclamar dessa rotina. Estás irritada com ela. Sim! Cabe à nossa mais íntima faguilha libertária soltar-nos dessa servidão. Cabe a nós, somente a nós, dizer aos céus: quero-te, meu anjo! Meu amor, meu orgasmar. Sorriso. Quero-te a morrer!

*“Você pega meio quilo de fígado cru, põe dentro de um copo americano, coloca um ovo pra dar liga e já era.”  
Inspirado no curta-metragem “Sexo com Objetos Inanimados” de Érico Campos Rassi*

## **PARTES E O FIM DE UM DIA QUALQUER**

Trabalho. Fim do expediente. Carro. Ruas. Casa.

(O começo)

Ainda é claro, começo de anoitecer. Chegando do duro ofício diário ele deita-se no sofá. É dia quente. Liga o ventilador. As costas suam no couro do móvel. Vira-se. Os olhos se fecham. Vem o cochilo. Não há sonhos, apenas o sono. Tempo. Tic-tac de um relógio qualquer.

Calada da noite. Ausências. Marasmo. Consciência.

(O despertar de um moço)

Tic-tac, Tic-tac. Levanta-se do sofá. A boca é seca. Desce escadas. Cozinha. Água. Menos sede. Sala ao lado. Outro sofá. Senta-se. Mais descanso. TV. Solidão. Silêncio. Solidão. Carência. Solidão. Silêncio. Carência. Solidão. Silêncio. Solidão. Uma lágrima.

Mesma sala. Sofá. Madrugada. Corpo. Pele.

(O desfecho previsível, sorumbático)

A segunda lágrima. O abaixar de suas vestes. A vista escura de seu púbis. O trêmulo de suas mãos. O suor vertiginoso. A empunhadura de seu mastro. O surgimento da ereção. O vai-e-vem dos dedos à pele. O corpo cavernoso. A grande e desperdiçada virilidade. Pensamentos de um solitário. Mulheres. Todas belas e saudáveis. O demente e nefasto

clímax da pura falta de opção. Ejaculação acumulada por meses a fio. Testa, cabelos, sofá, chão da sala... E a enorme vontade da terceira lágrima.

Tic-tac. Tic-tac.

Tic... Tac... Tic...

T...

## PELES

Ontem eu arranquei um pedaço pequeno de pele que estava sobre minha mão. Pele que já foi minha. Foi. Hoje é ex-pele. Pele que jaz. Fora viva... Mas como é pele, renasce. Como é corpo, renova-se.

Agora é um amanhã com pele nova, com pele viva, com pele sadia. Que clama por calor, águas e pêlos. Que chama... Que é chama. E que é livre para ser duas... Peles.

## POÉTICA RARA EM PROFUNDA POÉTICA DE TI

O menino queria entender teu tempo... As tuas manias... As tuas idéias e receios... Mesmo que eles sejam, certamente, contra o que teu coração deseja. Mesmo que eles sejam uma fuga daquilo que tu realmente sonhas. Tantos foram os equívocos, as mágoas, os maus-patuás amorosos e os erros que, caídos em ti, já fortes, te fizeram numa prisão íntima de tuas convicções. Novas convicções... Infelizes. Elas são assim...

O menino queria respeitar-te. E respeita, posto que não há escolha. Respeita. Como numa absolvição de tua própria espera. Já morta. Não querendo a renovação, pois pode tê-la... Já a tendo. Mas ele não a quer. Quer o teu passado de volta. O que parece ser futuro. Quer ver teu corpo, tua nuca, não como mais uma... E sim como única. Ele não é teu e nem assim o quer. Não és dele e nem anseia por isso... Ele quer os momentos... Todos. De volta. Mesmo que eles nunca tenham ido... E sabendo disso.

O menino vê-se revolvendo em tua pele... Em teus cabelos... Seios... Barriga... Ele, como numa bela matéria masculina, entra-te. Não mais como ato sexual - mesmo que incluindo-se em ti. Não como pênis e vagina. Entra, mas como corpo inteiro. Em teu sexo, sim, mas como homem. Primeiro coloca os braços, a cabeça, peito e barriga... Já dentro termina de puxar as pernas e pés... Em teu sexo, como num filme de Almodóvar, ele vive sem o ato. Não há sexo. Há pontes, rios e mangues profundos. Prazeres. O corpo inteiro diluído na grande poética que vem a ser o teu íntimo... Feminino. E mais particularmente, o teu! Tendo muitos outros, alheios, com outros orgasmos... Mas só e apenas dentro do teu.

## PRANTINHO

O sol brilha nessa manhã tão clara. E me traz a saudade - de chuva - daquilo que eu nunca pude ter... Daquilo que nunca conheci... Porque meu coração bate muito por ti. E orvalha meu pranto cada vez que sente, ainda mais longe, a luz quente dos teus olhos. É que eles me lembram o sol... Cheios de vida. E até o meu próprio viver - dos sonhos de outrora. Porque eu sinto que estou te perdendo. E toda essa luz me leva a estar assim...

Triste...

Triste...

Triste...

Como se num entardecer, minha querida...

## PROCURA-SE UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO

Ela é verde. Tem pernas e boca grande. É escorregadia. Pele lisinha. Come bichinhos. Tem gente que gosta de comê-las (que triste!) e possui uma carinha bonitinha. Tenho certeza que alguém a encontrará por aí! E quando isso acontecer, por favor, me dêem.

Era um segredo, confesso. Mas, eu quero uma rã! Eu adoro rãs e quero uma pra mim! Alguém me dê? Já procurei em todos os lugares e lojas de animais. Ninguém tem para vender. Estou pensando até ir em brejo para pegar uma. Bem lindinha.

## **CULTURA (LADO B)**

Quimeras.

O dia do poeta. O dia de dizer aos céus... Contar-lhe histórias, sorrir com ele. Viver a poesia. Sentí-la. Não fingindo, apenas diluindo as tais... No olhar de tua boca, na língua de teu pescoço... Teu ventre de tua alma...

Tudo estará quente e úmido como o fogo do sol. Tua luz irradia... Eu te tudo. Você me tudo.

Dois corpos nus num chão de espumas... Sentindo o calor de todo um mundo frio. Acordados entre a multidão que sonha. Ouvindo o vento a sussurrar, à nuca... Um hálito morno na virilha... Uma tez alva, extremamente alva, a passar por entre os dedos... A energia de um luar... Os corpos se encaixando na paz. Todo um segundo.

E o mundo se resolve. Transformando céu... Transformando...

## REFLEXO

Os olhos que vêem a todo instante. Os olhos que lêem. Os olhos que falam, que admiram. São os mesmos que seduzem... Beijam... Afagam. A vista não são as mãos ditas por Augusto dos Anjos. Não! Ele acredita assim. Num mundo lindo! Dos olhos puros e inocentes, que seduzem sem nem ao menos olhar.

## RETICÊNCIAS

Acredito no amor. Creio. De forma totalmente apaixonada. O tenho aqui. Grande. Forte e feliz. Confio piamente no amor! Mas, não acredito em palavras. Em palavras que tentam traduzi-lo. Em palavras que pensam transcender sentimentos. Em palavras jogadas ao léu.

Acredito no amor.

Não mais no “Eu te amo”.

## SAUDADES DISSO QUE SENTES AI

Seria possível não ter sido carne e ossos? Explique-se... Porque hoje estás complicado. Não consegues nem escrever simplesmente. O que sai é um amontoado de palavras, como agora. Só de querereres. Egoístas, como todos os querereres assim. Pele, tato. Nervos, pele. Saliva, sangue. Gotas de saliva.

Pronto. Lembraste: ela de braços e tua vontade de conhecer o que o universo deitara em tua frente. Em tua frente. Em tua artéria mor. Caída e querida pelos impulsos. Ah...

## SAUDADES, DESEJOS E FEBRES TERÇÃS

(Sussurro)

É noite.

Uma vida impregnada de vontades. Impregnada, digo, como sinônimo sabido de repleta, cheia, lotada, trasbordada... Num grande, imenso e incontrolável pleonasma de desejo. De todo um desejo de todo um vasto e único assunto: você. Que se veste para eu despir. Que se esconde para eu sofrer. Que se vai para eu chorar. É sobre você! Que nunca nasceu, mas que está em mim. Que nunca viveu, mas que me faz morrer. Que nunca existiu, mas que me deixa assim... Frágil e sensível. E com tanto de nada que tenho eu vou sofrendo. Tentando ver alguma cor em arco-íris e brancura nas nuvens que me rodeiam. Andando... Chutando pedras... Correndo... Eu durmo.

(Suspiros)

É manhã.

A escassez que tenho de você vem dos meus sonhos distantes e quimeras rasgadas. De meus pobres anseios de carne e carente pretensão. De um renegado amar - posto que sofro ainda - e de uma enorme, padecida saudade... Do já entendido corpo nunca tido e desse coração, que se deu tão pouco, mas que prostrou-me a escrever das suas delícias.

(Suspiros, suspiros e mais suspiros)

É tarde.

## SE AS COISAS PODEM ACONTECER

Não se entende tudo o que acontece ao redor. Às vezes nem se percebe o que está acontecendo à frente dos olhos. Não se sabe.

Não force a passagem da razão às mentes. A razão deve vir naturalmente ou nem vir. O que me importa, como um bom romântico, é que os corações guiem as emoções para o lado do bem e da verdade.

Romantismo, sim. Mas no lado literário da palavra. Aquele que deixa o sentimento se impor ao invés da razão. Ainda que a mesma razão perdure em alguns momentos. Em poucos momentos regados a antiquados calores.

Releve o que as almas dizem. E tenha a certeza de que a alma e o coração possuem muito de sentimento de mãe, da sempre terna mãe, que cura e protege a prole, sempre. Dessa mãe que abriga, que aquece... Nem que para isso a sua vida fique em risco. Nem que para isso ela tenha que morrer.

...

Morrer... Mas, por um bem maior. Que são os seus filhos. Morrer pelo amor que a mãe sente por eles. Morrer pela gentil carícia de seu eterno afeto. E isso também é amor. O grande amor. Simples e puro.

## **SÓ SEI POR LIVROS QUE MULHERES IRRADIAM LUZ**

Eu? Nada. Pobre meu pai... Só sinto o negrume da rua, das mulheres à rua. E de dia... Onde a luz do sol ofusca os outros brilhos. O que sinto é apenas ditado por inconsciência. Pela rua, pelo sol do meio-dia. Por quê?

*“Com as asas de Alceu Valença...”*

## **SOBRE A SOLIDÃO**

A solidão é fera.

O grande defeito da solidão é que ela nos remete às fraquezas, inseguranças e carências de nosso pobre corpo febril. Corpo este, fraco, inseguro e carente por causa de quentes e físicas necessidades que ardem em nossas entranhas; que transformam o nosso quieto e inocente sangue em combustível inflamável do mais poderoso; que fazem da nossa língua genital. Tudo isso criado pelas incitantes fagulhas alheias;

A solidão devora.

Mesmo. É ela que nos remete a um concentrado estado de autoconsciência, que nos põe a par de nossos incontrolláveis defeitos, que nos mostra o quanto o espelho do banheiro é podre, que nos adverte do quão somos dependentes. Ela eleva nossa autocrítica a níveis insuportáveis, rebaixa nossa auto-estima à lama. E assim ficamos feios, imprestáveis, indolentes, insensíveis...

É amiga das horas, prima-irmã do tempo.

Faz dos minutos os mais tristes e melancólicos de ti. Faz do quarto vazio o mais frio, da sala muda a mais infeliz, da cama de casal a mais solitária. Faz das horas dias, dos dias meses e dos meses anos. Faz do solitário, trapos, dos trapos, tiras e das tiras, pó.

O descompasso do coração.

E sabe o que deixa pasmo? É que um singelo telefonema com um terno “oi”, com um humilde “sim”, esconderia da solidão o seu saco sujo, carregado desses três tristes primeiros parágrafos, cheios de tantas coisas ruins. Sejamos felizes! Sejamos ternos! Façamos amor! Tentemos!

## SOFREGUIDÃO

A noite cai, mergulhada em trevas. Você mentiu novamente e os trovões vieram. Raios de energia, megatom. Chuva ácida cai nos corações inocentes. Derrete o que sobrava de verdade, de pureza. Porque mentia. Sua boca, cheia de vermes, faz sangrar as preces. Sua luz, negra, destrói toda uma vida. Aquela vida não existe! Aquele amor não existe! Suas palavras são vis! Seu corpo é uma chaga de volúpia mortal. Não vê que meu coração está na rua, atrofiando carros e pedestres? De tanta bondade que vivia, padeceu. Sua pele é verde agora. Seu calor é frio. Seu pária lhe ama. Seu inimigo lhe quer. Libido sifilítica. E eu que lhe amei, não posso mais amar. Sentir... Só o gosto podre me vem à língua. O gosto de desilusão. Do desfecho mal-sucedido. Da vaca seca. Da ama sem leite. Do ventre com mioma. Sim, meu amor. Sua mentira fez bem mais do que você queria. O mundo jaz para o mundo. Que venha o vácuo! Naquela grande explosão... Cheia de gente medonha.

## SOLSTÍCIO DE TI

(Instante primeiro)

Sinto o morno de tuas ancas colado em mim, num delicioso balançar por entre as pernas. A quentura de toda a tua pele alva tateando por cima a tez falante. Águas. Sensações atenuantes da sede.

(Instante segundo)

Tua luz, azul, vinda de teus olhos descaradamente apaixonados, iluminam todo o futuro. E isso dá vida... Teus lábios ainda roçam, ainda sim. Tua língua entre os dentes. Teus seios de lírio. Tua nuca. Ainda provam a paz desse momento. Os cabelos vermelhos, de guerra, dão a calma que a alma precisa. Teu gosto ainda povoa o paladar. Em teu sabor único, lindo. Porque de ti exala mel. Num celeste escorrer à terra, presenteando o mortal com o néctar do éden sonhado...

És linda! És bela... És tudo!

...

(Instante anterior)

Hoje eu a vi novamente, num resto de lembrança que passou por minha frente. E eu a beijei... A abracei... E meus nervos tiveram uma sensação incrível de labor deleitoso. A tive em meus braços. E a beijei, novamente. Num instante eterno... Pois em meus sonhos eu sempre a tenho. E também nessa saudade: medida na distância daquele nosso último adeus. Minha querida...

**T... T... T...**

Transcendendo os momentos de calores e emoções...  
Perdições, ternuras, sentidos, amor...

...Ao ler poesias e escutá-las na voz de um anjo rui-vo, minha fronte enamorada absorveu frases e momentos que serviram para, quem diria, até ajudar outras pessoas. Tamanha força que sai da alma do amor. Citação sussurrada assim:

“Minhas queridas. O amor é mais. Liguemos para quem não nos liga! Rezemos por quem não nos vela. Façamos deste mundo uma linda e terna poesia mágica. Onde as pessoas são sempre nossas inspirações e lindezas. O mundo é belo. Viver é mais. Vivamos! Gozemos!”

E assim, à luz de uma cachoeira, refleti...

## TARDE DA NOITE. FLORESTA VIRGEM. UM PÉ DE IPÊ. CAI UMA SEMENTE...

Por entre as folhas caídas ao léu, secas. Com o vento e o frio rodando em círculos. À mercê dos animais que por ali passavam. Por entre a multidão de grãos de terra orvalhada. A rota semente deitara. Uma leve chuva a beijara empurrando-a solo adentro. E ali, sob alguns raios de luar, sentindo-se agasalhada, a semente ficara. Quietinha... Tímida... Esperando algo que não sabia ao certo o que era. Mas se ali já estava, ali ficaria. Sementes não têm pés. Elas ficam onde a inércia as deixam. Fazia uma noite linda. De lua belíssima. Poesia.

...

O dia chegara! O corpo da semente crescera! Seu calor transcendia os olhos! Seus desejos ardiam! A vida era quente! O formato era sensível! O agrado era mágico! O deleite era um tato! O néctar um toque! O encanto um lugar mágico! E toda a existência... Um presente! Existe uma grande árvore no parágrafo anterior.

Crescer foi tão bom.

## TELEPATIA

Palavras já não dizem mais. Por que minha razão já diz tudo. Não que os sentires acabaram, absolutamente. Não. Estão aqui. Pulsantes de uma tal forma que parecem um rolo compressor, descendo ladeira abaixo, transpassando.

Coração aberto.

Alma aberta.

Vida

Aberta.

Sentidos.

Corpo.

Sangue

Aberto.

Um ser perto.

As palavras, às vezes, dizem nada. Mesmo quando dizem um tudo. Nada, porque são palavras, apenas. Ao não dizerem tudo que há aqui, em vida pulsante. Sinto. Muito. E pelo melhor lado das sensações. E em sentir, vivo.

Contudo, não quero mais falar. Apenas viver. Quero sentir calado e falar muito - muito - por pensamentos e empatia. Quero a maior telepatia do universo! Assim imagino (-te).

*“Terra boa que Deus deu nós. E nós quer mudar o mundo. Esse mundo é tão perfeito. Esse mundo é mesmo um amor.” (John)*

...

Que legal! Curioso. Por exemplo, se você chega num ambiente e quer ser atendido, conversar ou resolver um problema, há uma solução momentânea para que a sua vez seja preservada. Vamos lá. Já na entrada. Você recebe um número correspondente à sua ordem de chegada ao ambiente. Conforme o número de pessoas que entraram antes. É muito interessante. Assim: se naquela semana, duzentas e dezesseis pessoas lhe antecederam, é hora de receber um papelzinho com o numeral “duzentos e dezessete”. Isso quer dizer que você é a ducentésima décima sétima pessoa que, naquela semana, entrou no recinto para usufruir do mesmo. E, quando a ducentésima décima sexta pessoa da semana for atendida, é chegada a sua hora. Perfeito!

## **SEU CHEIRO, EM SENTINDO À PRIMEIRA VEZ**

A noite recendia a vinho tinto. O mar a rosas e você, a amor. Suas roupas eram divindades prontas a cair no esquecimento do tempo. A areia, o vento, o pôr-do-sol... Tudo pendia aos sentires de sua alma. Não havia mais luau. Não havia mais violão. Não havia mais canções. Era o silêncio que ensurdecia ternamente. A pele. O calor dos corpos. O sentir dos amores e a troca mais pura e sensível. Duas frentes em vivências surreais. Dois nervos banhados à luz e explosão. Tudo testemunhava. O Universo a favor de um ser formado sorria. E a praia, o céu, as nuvens, as estrelas... Vem como prova à parte mais tântrica de duas vidas. Resumidas a um só trocar, a um só sentir, a um só viver. E foi assim...

## TOLERÂNCIA

Não há vida sem tolerância. Uma vida que contenha um pouco de paz. Um pouco de amor. Um pouco de felicidade. Sem tolerância não há convivência. Não há sociedade. Não há amigos. Não há casais. A tolerância é a base de sustentação. Por exemplo, não sei se o verbo “há” concorda com o substantivo “palavras”. Não sei nem se são verbos e substantivos o que eu disse. Percepção... Tolerância: plano primário. Coisa necessária. Vida social bonita se faz assim. Mas, haverá esperança? Um todo precisa das partes? Se sim, partes, vivam! Umbigos são feitos de carne e mais do que imagine, umbigos são cicatrizes. Quer maior exemplo nessa vida? Caramba! Será tão difícil entender?

## UM SORRISO EM SUA DIREÇÃO... RETRIBUÍDO

Por algumas horas uma alma de criança pairou sobre mim. Na verdade, ainda paira. E posso dizer que, nesses minutos, nesses raros momentos sublimes, eu tive algo parecido com felicidade. Arrisco dizer que estou feliz nesse momento. Arrisco citar que minha solidão e minha tristeza de sempre cederam um pequenino espaço, discreto, para algo parecido com um sorriso. Estou só, ainda... Sinto-me assim. Sou triste, ainda... Sinto-me melancólico. Confesso. Mas, o prazer que tive em ver um sorriso causado por mim, me deixou feliz. Ter feito alguém se sentir melhor foi algo que me deixou melhor também. Sem muitas explicações. Momentaneamente, eu consegui ouvir a melodia dos pássaros. O céu azul. A serra mais verde. As nuvens em formatos engraçados. O sol mais amarelo. Senti o dia lindo que fazia lá fora. E ainda sinto. O sinto. A sinto... Talvez essa trilha sonora que ouço me deixe mais sensível em relação ao que experimento agora. Ao que vivo nessa doce ocasião. Quem sabe é por isso que escrevi tais palavras.

...

No entanto, realmente, faz um dia belo hoje. E que ironia, até minhas lágrimas estão bonitas... Literalmente.

## UMA TAL AUTOCRÍTICA

Eu quero protestar!

Eu quero protestar contra a minha rispidez, contra a minha mesquinhez, contra o meu egoísmo (mesmo que sincero), contra a minha falta de iniciativa, contra a minha falta de perseverança, contra a minha falta de entusiasmo, contra a minha ignorância, contra o meu orgulho, contra o meu modo de não admitir erros, contra os meus defeitos (grande e pequenos), contra a minha indolência, contra o meu mau-humor, contra as minhas birras e, principalmente, contra meu comodismo frente a tudo isso.

Sim. Mas, não de uma forma pejorativa. Definitivamente, não. Explico: eu sou a pessoa que mais gosta de mim. Eu gosto e me valorizo. Porém, enjoiei-me de mim. É. Enjoei, abusei, cansei, aborreci... De meus pensares, de meus querereres, do meu estilo de vida, de minhas atitudes, de meu jeito de ser, de meus olhares e sentires. De uma forma geral. Não que eu vá deixar de ser como eu sou. Não é isso. Não sei bem ao certo o que seria esse tipo de sentimento. O fato é que a vida tem que ser uma crescente, um desenvolver, um melhorar... E é isso que quero. Essa perspectiva de rir de si mesmo, da vida, de crescer... De ser a lua de verdade, de ter estrelas, de fazer e ser poesia, de ser o mar e o céu. De ser a própria música. Essa mudança que desejo. Para cima. Positiva. E se auto-enjoar é uma forma, talvez, de ver o mundo e a si com um sorriso, com um olhar bonito... Com amor. Eu quero protestar contra mim mesmo. De um jeito terno, de um jeito construtivo, de uma forma com vida. Com um viva à paz.

Eu quero assim... Eu quero isso. E talvez já seja o começo. Até de um mundo melhor, sem sofrimentos.

## VERDADES E SONHOS

O corpo destila-se, transforma-se. A pele urge. O corpo implora. Os veios inflam. Os nervos doem. Transmitindo para este instante toda uma energia acumulada em anos. Para agora, enquanto a escrita sai. Uma tensão cheia de volúpia, carne, força e luxúria transpassa a existência. O já, o hoje! É que a volúpia é máxima! Um desejo colossal acorda e arranha o sangue. Uma libido tamanha ressurgue. Faz do universo um grão ínfimo. Desejos! Suores! Deleites! Raios interiores! Flechas de fogo! Rajadas de quererres! Bombas pungentes! Numa calmaria ensurdecadora. Num abissal contraste. O que arde - como lava expelida - é essa incontrolável erupção de tesão! Sagaz, infinda, continental...

...

Ai! Bela... Quando virás?

**VERDE PERTO! VERDE LONGE! VERDE  
NÁUSEA!**

Outrora um grande querido. Hoje uma incógnita. Qual é o instante em que nos vemos na pele de um, agora, qualquer? Senso comum? Chavão? Sentir-se assim novamente, sem assim sê-lo - na prática, é horrível! Como um leão por dia. Fenecendo. Agora. Dando lugar a um jardim qualquer. Um florido, por favor.

...

Primeira morte do ano! A primeira de algumas!

*“Ao desconhecido futuro ansioso...”*

## **VOLTAI! VOLTAI! VOLTAI!**

Saudades de você, pele alva... Saudades de sentir-lhe o aroma suave e fresco como o da manhã. De tocar a pele branca como se tocando a lua. De passear entre os pêlos como quem afaga o prazer. De beijar os lábios como quem mata a sede antiga. De seu Universo. De seu tudo. De você. Hoje, em afã, consigo ver-lhe com mais clareza e apego. Você em verdade. A pele extremamente pálida... Morna... Traduzida em todas as cores, refletindo a minha imagem, o meu desejo, o meu calor. O rosto belo - simétrico e sensível - como naquele sonho de mancebo. Os olhos fartos, claros, delicados, como se presenteados pela mãe-terra. O além-mar... E as saudades abissais - ternas - de senti-la novamente; de ter o gosto seu; de seus pedaços deleitosos; doces e rosas ao paladar.

Desce um moto-contínuo: saudades repetidas em saudades passadas. E como num saudoso porvir eu espero, lhe dedico e me exponho ao que orvalho por você. Ao que doas, finalmente... Porque está à terra. Viva e cheia de querer. Porque está na minha idade, cheia de vontades. Na minha fantasia. Na minha admiração. Em mim. Com seu corpo e sua alma. Com libido e amor. Com seu nome encravado no céu, na minha volúpia e em nosso suor.

Saudades de você, pele alva...

# O VALE DOS URSOS



## I A URSA

Numa fazenda bem longe das vistas cansadas... Distante muitas léguas de qualquer cidade. Existe uma colônia de ursos, bem no meio de um vale encantado. E nessa colônia vivem muitas ursas, de onde se destaca uma. Uma ursinha linda, que possui muitos pêlos como todas as outras, não deixando, claro, de ser linda e feminil. Ela é forte, muito forte em comparação aos humanos, ditos, humanos. Porém, em relação aos ursos e ursas, ela é bem mais fraca. Todos da fazenda sabem a causa da fraqueza dela. A ursinha, linda e apaixonante, sofrendo, refletia. À sombra de uma árvore dizia aos céus: “eu tenho um enorme, grande e quente coração. Que me faz viver, sentir calor, paixão e amor. E é por causa desse coração, aparentemente vivo e pulsante, que tenho em minha vida tal falha gravíssima. O simples fato de eu, urso, ter um coração”.

## II

### ELE SURGE!

No vale dos ursos. No meio de todas as ursas. Entre a ursa possuidora de um coração, surge um urso. Pacato, sereno e ingênuo. Em meio aos ursos, surge, eis que surge um coração. Cheio de sangue, afinal, é um coração. Ele ama, o urso ama. E certa ursa, possuidora de igual amuleto, também. Eles amam. E sentindo-se, amam-se. Do nada. Do vácuo para o repleto surge essa luz. Como a grande explosão do universo. O amor voga. Nasce entre os espinhos da floresta negra, quente. No mais tórrido dos invernos. Os pêlos envolvem-se, as unhas se tocam, a cabeça no tórax, as coxas gastas... Os corpos de lava. O toque fatal. Mucosas... Os animais sonham. Fazem a vida. O sonho se renova. Das cinzas surge lenha, movendo o sangue vermelho dos que sentem. Os ursos em voga se beijam. Flutuam. Vivem. Sonham. E, sim, amam novamente. Surgindo todo um reino encantado.

...

Eu narro e observo de longe.

### III

## SÂNDALO DO CHEIRO

Um dia o menino viu seu urso de estimação fugindo, furioso, por entre as árvores. Sentindo compaixão por si mesmo, correu atrás do feroz animal para entregar-lhe, pela última vez, a alma e o corpo. O menino nem era tão inocente assim. Seria até infame assim o conclamar. Fez-se a busca. Alcançado o urso o menino joga-se por entre os dentes afiados do animal. Ainda furioso - e já sem qualquer tipo de bem-querer pelo rapaz - o urso o envolve com suas enormes garras, lhe quebrando os pequeninos braços. Já no chão, sendo mastigado e sentindo as piores dores da carnificina, o menino, ruborizado e cheio de sentidos, pensa: “qualquer coisa vinda de você, meu grande e peludo animal, é bem-vinda”.

...

Mais uma vez nesse mundo fez-se, caracterizadamente, a paixão.



PAUSA

...



## EPÍLOGO

O sopro de vida sucede aqui. A artéria luta. Cambaleando nos sertões amargos. O átomo luta. Arrastando-se. Caído. Ao chão. A alma. Sem movimentos, luta, com calor. Feito semente. Inerte. A boca abre. Esperando a brisa da manhã, fresca. A umidade gentil do inverno. A gota de água. O orvalho... Findam as frases. Findam as letras. Revive a quimera. Fica o fruto, o grão. Árvore dos sonhos. Fantasia. Quiçá florestas.

...

Por hoje, fim.





Impresso em Taubaté - SP  
**resolucaografica.com.br**

2012



## INTRO

O que é poesia para ti? Onde começa a tua prosa?

Armas,  
faltas,

cores,  
beijos,

medos,  
legumes,

libido,  
olhos,

espelhos,

nostalgia e  
epitáfios...

Perguntas e sentires.  
Ausências e amores.

O que se procura num “livro” de poesias?